



## **VIDAS EM RETALHOS<sup>1</sup>**

Arnaldo Santana do Nascimento MOTA<sup>2</sup>

Viviane Pascoal DANTAS<sup>3</sup>

Cintia dos Reis BARRETO<sup>4</sup>

Universidade Potiguar, Natal, RN

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo relatar a história de vida de duas gerações de uma família, tomada como estudo de caso para mostrar como, nas ruas na cidade do Natal, tantas vidas podem ser ignoradas, invisíveis tendo seus direitos básicos violados. O relato também irá, de forma investigativa em narração literária, discutir a função social do jornalismo e a maneira como este pode atuar, sendo uma ferramenta de reflexão à sociedade. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, aplicadas a representantes de órgãos públicos, organizações não-governamentais, conselho tutelar e varas da infância e da juventude, somadas à pesquisa de opinião pública junto à sociedade civil, incluindo meninos de rua, à observação direta e às pesquisas bibliográficas. Desta forma, foi possível, através do livro-reportagem, promover um diálogo entre sociedade, órgãos públicos e os invisíveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; literatura; livro-reportagem; crianças; invisibilidade social.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como principal objetivo produzir um livro-reportagem relatando a história de duas gerações de uma família que, por sua trajetória de vida, representa as condições de uma classe social, que diariamente, enfrenta situações de humilhação, pobreza, fome, violência doméstica e psicológica, exploração sexual e de trabalho, as quais são causadoras da invisibilidade social. A família, que aqui chamaremos de “Família Silva”, é composta pela mãe, Vera e os filhos, Gabriela, Lucas, Rafael e Júlia, ressaltando que esses são nomes fictícios, para preservar a identidade de todos os envolvidos e evitar eventuais constrangimentos. Sua história traz à tona os inúmeros problemas gerados e vividos por sua condição de invisibilidade perante a sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao X Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade processo, como representante da Região Nordeste.

<sup>2</sup> Estudante do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar, e-mail: jornalmota@hotmail.com

<sup>3</sup> Estudante do 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar, e-mail: viviane\_jornalismo@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Professora Especialista do Curso de Jornalismo da Universidade Potiguar, e-mail: cintiabarreto@unp.br.



Objetivamos também, de algum modo, trazer a lume uma possível solução, através de entrevistas e debate entre representantes de órgãos públicos e a própria sociedade. Através do contato direto com a família, em sua vida cotidiana, pretende-se entender melhor quem são e como agem as pessoas que, na sociedade, não são percebidas nem consideradas como cidadãs, saber dos seus medos, sonhos e expectativas.

O trabalho visa ainda discutir a função social do jornalismo, como instrumento de informação que possa promover uma reflexão na sociedade acerca desta temática, ao mesmo tempo em que dá voz aos invisíveis sociais em questão, levando-os também a participar da solução do próprio problema.

A justificativa para a escolha deste tema “invisibilidade social” foi apoiada em alguns questionamentos que povoaram a mente dos autores: quem são e o que pensam essas crianças que, em casa ou nas ruas, passam por situações vexatórias, de humilhação, privação e inúmeras formas de violência? Por que as pessoas na pressa de sua vida cotidiana fecham os olhos a esta realidade, como se simplesmente pertencesse a outro mundo? O que essa reação pode provocar no campo emocional e psíquico de uma pessoa socialmente invisível?

Especificamente para o caso estudado, da Família Silva, quais foram as situações vivenciadas por Vera, em sua infância e juventude, que repercutiu na condição de invisibilidade dela própria e dos filhos? Quais as conseqüências psicológicas e sociológicas de uma vida marcada pelo sofrimento? E, ainda, como o jornalismo, enquanto forma de contar histórias reais, pode contribuir para tirar essas pessoas da invisibilidade e promover uma reflexão na sociedade? A partir dessas observações, percebemos a necessidade de averiguar, de forma mais científica, a invisibilidade social.

Para viabilizar o trabalho, foi realizada como procedimento metodológico, uma pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica sobre obras relacionadas às áreas de: psicologia interpessoal e transpessoal; área jurídica diretamente ligada à criança e ao adolescente, estudo da história do jornalismo e sua fusão com a literatura, funções, classificações e importância do livro-reportagem e ainda, invisibilidade social. Entende-se por pesquisa bibliográfica, “um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 1995, p. 20).

Foram realizadas pesquisas de opinião pública para identificar o perfil dos meninos de rua da cidade do Natal, tendo por objetivos, identificar a situação familiar da criança, avaliando principalmente o relacionamento do mesmo com os pais, verificar a participação da criança no sustento da família, levantar o grau de escolaridade da criança, avaliar as



motivações e causas da situação de rua em que se encontram essas crianças, as reações destes mediante o tratamento recebido, tanto pelos familiares como pelos desconhecidos a quem abordam para pedir ou vender algo. A pesquisa avaliou os sonhos, medos e expectativas das crianças de rua. A escolha do método utilizado deve-se ao fato de que a pesquisa de opinião pública tem por objetivo, “descobrir respostas para perguntas através do emprego de processos científicos [...] para aumentar a probabilidade de que a informação obtida seja significativa para a pergunta proposta e, além disso, seja precisa e não enviesada” (SELLTIZ et al, 1975, p. 1).

Para viabilizar o contato com as crianças em questão de forma mais segura, podendo ainda promover uma experiência lúdica, o grupo contou com a ajuda do Conselheiro Tutelar, Marcelo Dantas e da sua esposa Tainá Dantas, que facilitaram o acesso à Casa de Passagem que atende crianças até 12 anos, onde eles já realizam um trabalho de assistência social em conjunto com um grupo de estudiosos da Federação Espírita do Rio Grande do Norte (FERN).

Foram aplicadas também entrevistas semi-estruturadas com os representantes do setor público – Vara da Infância e da Juventude, Conselho Tutelar, Ministério Público, a fim de coletar dados que permitam avaliar as funções e ações em benefício das crianças em situação de rua. Utilizamos este tipo de entrevista, porque “é um dos métodos mais ricos de coleta de informações. É realizada através de um conjunto estruturado de perguntas precisas. Baseia-se [...] em uma ou poucas questões/guias, quase sempre abertas. [...] Durante a realização da entrevista pode-se introduzir outras questões que surgem de acordo com o que acontece no processo em relação às informações que se deseja obter” (TANAKA; MELO, 2001, p. 42).

Outra pesquisa de opinião pública foi realizada tendo como público-alvo a polícia militar, com o objetivo de entender as razões que levam muitos dos policiais a agir de forma agressiva com as crianças de rua.

Por fim foram aplicados 400 questionários para a sociedade em geral, entre homens e mulheres a partir de 18 anos, classes A, B, C e D, de todas as regiões de Natal, respeitando as proporções populacionais de cada uma dela. O objetivo é observar a imagem que a sociedade tem em relação aos meninos de rua, na forma de tratamento dispensado às crianças, verificando seu grau de conhecimento e envolvimento com o problema, buscando colher da sociedade também, sua opinião para uma possível solução para reverter esta situação.



No caso do livro-reportagem em questão, por sua amplitude e liberdade narrativa, permite uma melhor abordagem sobre o tema, fornecendo detalhadamente informações impressões e sensações, dando um caráter de proximidade com o leitor e promovendo uma identificação.

Cada passagem foi entremeada com a voz de um especialista ou autoridade no assunto, na área de jornalismo, psicologia, sociologia, antropologia, política, educação ou assistência social.

Por seu enfoque e abrangência, envolvendo esta pluralidade de vozes, podemos dizer que o livro não está fechado em uma classificação isolada, mas agrega características de três categorias: livro-reportagem-perfil, retrato e denúncia. Perfil, porque está centrado em uma personagem, Vera, mas, como a partir do segundo momento o foco será transferido para os filhos, o livro não será inteiramente um perfil. Retrato, porque representa uma realidade social, mas perde sua peculiaridade quando, justamente, centra-se em uma figura humana em específico.

Sendo assim, a categoria que mais se aproxima do que nos propomos a realizar é a de denúncia, uma vez que, para atingir nosso objetivo, que, dentre outros, é dar visibilidade, dar voz e vez aos invisíveis, foi preciso informar com precisão, investigar e denunciar. Traçar um panorama da problemática da invisibilidade sobre variados ângulos, visando elucidar os mecanismos de funcionamento de uma sociedade, retratando, através dos personagens e seus relatos, seus problemas, complexidades e soluções, com propósito educativo de conscientização e, principalmente, denúncia de uma realidade gritante, que permanece no silêncio e na ignorância.

A narrativa está impregnada de lirismo e realidade, quando apresenta dados oficiais, de pesquisas bibliográficas ou entrevistas, inserindo-os no contexto do caso estudado e convida o leitor a refletir sobre ele.

O livro está composto de 22 capítulos, totalizando um número de 130 páginas. Como diferencial de uma narrativa comum, “Vidas em retalhos” tem também ilustrações em forma de placas de trânsito, onde, dependendo da passagem em destaque no capítulo, irá atrair a atenção do leitor para uma elucidação, explicação, informação oficial, seja de documentos ou declarações e reflexões. Por fim, fica registrado o intuito de, nas páginas em preto e branco, tornar concreta a função social do jornalismo, dando voz a quem precisa ser ouvido.



## **JORNALISMO: UMA VIAGEM HISTÓRICA**

Temos como ponto de partida o jornalismo: sua história, importância, características e formas de atuação na sociedade. Discutimos a evolução das concepções do jornalista ao longo do tempo, acompanhando as mudanças ocorridas no panorama econômico, político, social e cultural. Para tal efeito, observamos a importância de abordar primeiramente a comunicação humana e sua evolução até o desenvolvimento da escrita.

Giovanni Giovaninni (1987) traz um estudo aprofundado sobre o ato humano de comunicar, que tem sua origem na necessidade de contato e relacionamento com o outro e com o ambiente externo, fundamental para a própria sobrevivência. A partir destas necessidades, gestos, sons e imagens passam a ser desenvolvidos para transmitir uma idéia, emoção ou objeto. O autor considera que a preocupação em armazenar informações teve sua origem nos pictogramas (figuras que representam um objeto), tendo se desenvolvido até os ideogramas (imagens que representam sons), e finalmente para a escrita alfabética, onde signos gráficos arbitrários (não mais imagens) representam sons. Com o desenvolvimento da escrita, o homem encontrou no livro, uma forma de eternizar, propagar e registrar idéias, informações, pensamentos e sentimentos.

O autor continua, em seu desdobramento sobre a comunicação humana ao longo da história, passando pela Idade Média, até chegar ao advento da tipografia, por *Johann Guttemberg*, na Alemanha, ressaltando sua importância para o surgimento da imprensa. Isabel Lustosa (2003) dá continuidade a esta linha de pensamento, trazendo a discussão para o contexto do Brasil, remontando a história imprensa brasileira a partir da chegada da Corte Portuguesa.

Logo após a chegada de D. João ao Brasil, o país experimentou um surto de progresso e crescimento cultural [...] A implantação dos serviços administrativos da coroa portuguesa no Rio de Janeiro e a série de benefícios que o rei resolveu implementar, dinamizaram a vida da colônia [...]. Uma série de transformações positivas marcaram os treze anos de reinado Joanino no Brasil (LUSTOSA, 2003, p. 18).

Pela primeira vez o Brasil era tomado de um impulso cultural. A metrópole passou a investir mais na colônia, até mesmo para suprir suas necessidades. Entre estas, a de manter a coroa informada sobre as decisões políticas e demais assuntos de seu interesse, o que culminou no nascimento da imprensa brasileira. Este advento deve-se a Hipólito da Costa, que já havia conhecido o progresso, a modernidade, os ideais de liberdade, e percebia o atraso do Brasil e do próprio Portugal com relação ao resto do mundo. Engajado na luta



pela liberdade e por uma revolução, sobretudo intelectual, Hipólito usou como arma principal a palavra impressa, e em 1º de junho 1808, nascia o primeiro jornal brasileiro, apesar de ter sido impresso em Londres: O Correio Brasiliense, porque assim eram chamados os portugueses que por nascença, opção ou circunstância, adotaram o Brasil como seu lar.

Hipólito saudou os primeiros jornais e jornalistas independentes que emergiriam na cena impressa brasileira finalmente tornada livre. Vendo coroada de êxito a nossa independência, em 1822, Hipólito julgou encerrada a sua missão, parando de publicar o Correio Braziliense em novembro daquele mesmo ano (LUSTOSA, 2003, p.19).

A mídia impressa surge então para suprir a necessidade de transmissão da cultura, modificando os modos de circulação de idéias e informações, e configuraram-se como fonte de poder, transformando o exercício da autoridade.

A comunicação, bem como a mídia impressa, exerce funções específicas no sentido de suprir as necessidades humanas. *Juan Bordenave* (1987) traz um entendimento geral sobre a comunicação, analisa a atuação da mídia e sua influência no cotidiano das pessoas. *Bordenave* (1987) considera que a comunicação tem uma função *instrumental*, na medida em que satisfaz as necessidades materiais ou espirituais do homem, *informativa*, por prover conhecimentos de interesses variados, *regulatória*, quando serve para o controle de comportamento, *interacional* no tocante a promover relações sociais, de expressão pessoal, ao possibilitar a identificação e manifestação de pensamento do ser individual, *heurística* por permitir a exploração do mundo interior e exterior dos indivíduos e ainda *imaginativa*, por estar relacionada ao mundo da fantasia de cada um.

É possível se observar que todas estas funções se congregam no exercício do jornalismo, pelas próprias características da atividade em questão, que condizem com a função social do jornalista. Fabio Henrique Pereira (2004) discorre sobre uma concepção romântica acerca da profissão, ressaltando a objetividade e a neutralidade como ideais que reforçariam a responsabilidade ética e moral ao trazer um relato fiel da realidade, funcionando como um mediador neutro entre o Estado e a Sociedade. A concepção que se tinha do jornalista é que ele estaria “sob a égide da objetividade, o herói solitário, comprometido apenas com o interesse público e a transparência democrática” (PEREIRA, 2004, p.8).

Foi a partir desta concepção que surgiu a idéia da imprensa enquanto “quarto poder”, a quem caberia vigiar o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. O autor associa essa



idéia ao processo de profissionalização do jornalismo, que acarretou na busca por um referencial na forma de se fazer jornalismo. O modelo adotado pelo Brasil foi o norte-americano, que pregava acima de tudo a objetividade como característica fundamental do jornalismo. Avançando na linha do tempo, o autor trata da entrada do jornalismo na era do mercado, a partir da década de 70, que aproximava o jornalista do trabalhador comum, do operário na indústria da notícia, que serviria a uma elite intelectual, econômica e política. Dentro deste contexto, a produção jornalística sofreu grandes alterações:

A submissão da imprensa à lógica empresarial alterou a pauta jornalística. As notícias sobre economia e política dão lugar à cobertura de assuntos mais vendáveis (softnews) e com alto grau de conteúdo emocional (PEREIRA, 2004, p. 9, grifo do autor).

A escrita jornalística passa então a ser contaminada pelos ideais comerciais, pelo pensamento mercadológico, e pela idéia de que precisa tocar as sensações humanas para vender mais. A notícia precisava ser atraente para ser vendida como produto e gerar lucro. As particularidades, critérios e características da linguagem jornalística, utilizada para o fim de emocionar, informar e vender tem com base nos estudos de Nilson Lage (1993), por este tratar de forma clara e abrangente sobre a linguagem e o texto jornalístico e da notícia. Lage (1993) aprofunda-se no tratamento dado ao código lingüístico no jornalismo ao levar ao público a informação, produzida em escala e para consumo imediato, tratando ainda da produção textual em jornalismo, diferenciando-a do gênero literário, ponto de partida para a discussão sobre as diferenças e semelhanças entre jornalismo e literatura.

## **O LIVRO REPORTAGEM**

Jornalismo e literatura são destacados por Gustavo de Castro Silva e Alex Galeno (2002), que são uma referência ao se tratar dos diálogos possíveis entre as duas formas de discurso.

Não é fácil falar de literatura e jornalismo abstratamente. [...] Poderíamos contemplar o “território” de ambas as práticas como um conjunto em interseção com outro conjunto: há dimensões da literatura que pouco ou nada tem a ver com o jornalismo, dimensões do jornalismo alheias às práticas literárias, e finalmente, um espaço compartilhado no qual não é tão fácil se distinguir um e outro tipo de discursos (MEDEL *///* Silva e Galeno, 2002, p.23, grifo do autor).



Estão presentes elementos que permitem um entendimento mais aprofundado sobre a sedução da palavra, realidade, ficção, jornalismo e literatura, entre os quais o principal ponto de convergência é o movimento do Jornalismo Literário. Felipe Pena (2006) esclarece:

(Jornalismo Literário) significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos, proporcionar visões mais amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (Pena, 2006, p.13 , grifo do autor).

Pena (2004) traz um contexto histórico deste movimento, partindo do período do Regime Militar, quando a livre manifestação do pensamento foi tolhida. Foi neste momento que elementos da literatura vão ganhando espaço nos veículos jornalísticos, sobretudo em revistas como a Realidade.

Neste mesmo período, os jornalistas aderiram à literatura, encontrando no livro uma forma de potencializar a investigação dos fatos, lançando sobre eles um olhar mais abrangente, e descrevendo-os de forma mais livre, com um toque de lirismo e literatura. Esse olhar, que não cabia nas páginas da imprensa diária, controlada pelos militares, saltou para o livro-reportagem. Edvaldo Pereira Lima (2004), criador do termo “escrita total” e fundador da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, remota sua historicidade, classificações e importância para o jornalismo.

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, [...] quando utilizada jornalisticamente, nos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos de informação jornalística (LIMA, 2004, p.4, grifo do autor).

Assim, observamos que o livro-reportagem possui amplitude tal, que pode e deve explorar o olhar além dos fatos, o que não cabe no pequeno espaço editorial do jornal. É importante ressaltar, contudo, que mesmo diante do aspecto restritivo e superficial da imprensa cotidiana, o livro-reportagem é considerado um subsistema de um sistema maior, que é o jornalismo. Isso implica dizer que o jornalismo, enquanto forma de representação do mundo, não pode ser reduzido ao entendimento da imprensa cotidiana.

Do outro lado da linguagem, a literatura também não pode ser reduzida à categoria de ficção, nem como mero produto de uma produção editorial, como um acessório barato a



ser consumido pelas pessoas em seu momento de relaxamento. Também não cabe, aqui, uma visão romântica de que o livro-reportagem pode ser entendido fora do contexto industrial. Ele é ainda um produto da comunicação de massa, precisa ser vendido e revertido em lucro. No entanto, não está preso às amarras do formato noticioso, à vinculação com uma ideologia política impregnando-se nas entrelinhas do texto, como acontece na imprensa cotidiana. Há algo ainda muito maior que jornalismo e literatura, que é a combinação harmônica dos dois.

Diante disso, cabe afirmar que o livro-reportagem, enquanto produto de um gênero híbrido, agrega características fundamentais do sistema onde está inserido: o jornalismo. Abraçar a vertente literária não anula a sustentação do jornalismo sobre seus pilares fundamentais, sobretudo no que se refere ao compromisso com a informação e a orientação de seu público, disperso geograficamente e socialmente, como analisa Lima (2004), levando-o a encontrar subsídios sobre os quais possa edificar sua interpretação da realidade.

O livro-reportagem é, portanto, um produto do jornalismo e, como tal, mantém algumas características já citadas, como a universalidade, no que se refere à temática abrangente, abordando diversas áreas do conhecimento humano e a difusão coletiva. No entanto, o livro-reportagem foge à regra das outras duas características, como a periodicidade e a atualidade. Por exigir mais tempo e cuidado na elaboração, os livros não possuem uma regularidade de edições. No que tange a atualidade, nas páginas de um livro, a reportagem não necessariamente está atrelada ao factual, ao novo, ao inédito e imediato.

o livro-reportagem não se limita ao rigorosamente atual, trabalhando temas um pouco distantes no tempo, de modo que possa, a partir daí, trazer explicações para as origens, no passado, das realidades contemporâneas [...] que se relacione à explicação de uma situação mais ou menos perene (LIMA, 2004, p.36).

Isso implica dizer que há categorias de livro-reportagem que nos permitem remontar uma história, contextualizar um fato atual a partir de elementos históricos, ou mesmo debruçar sobre uma narrativa que envolve um tema atemporal, que tenha importância e relevância, qualquer seja a época ou lugar. O conceito de atualidade, para estar contido entre as características de um livro-reportagem, precisa ser ampliado, entendido como a preocupação com a contemporaneidade, tudo o que tange o complexo universo do homem, em seu tempo e espaço.



## **VIDAS INVISÍVEIS**

As histórias de vida dos meninos de rua da cidade do Natal buscam entender a realidade sobre os invisíveis sociais, na luta por uma sociedade mais humana. Mas, para traçar um breve panorama da invisibilidade em Natal, cabe apresentar um dado interessante: Quando se trata do seu comportamento com relação às crianças invisíveis, as pessoas não consideram o fato de fechar o vidro do carro, esconder a bolsa ou desviar da criança como uma forma de agressão. Nem consideram que, ao dar dinheiro, estão ajudando a reforçar a posição de inferioridade das crianças.

Das crianças entrevistadas, todas disseram que as pessoas reagem com medo, porque acham que vão ser assaltadas. Foi possível observar em cada olhar um misto de tristeza e indignação ao afirmarem isso. A pesquisa mostrou também que são poucas as crianças que, de fato, vivem nas ruas, que não possam contar ao menos com um lugar para dormir. A grande maioria delas tem casa, vivem com pai, mãe ou responsável, geralmente com várias pessoas dividindo um espaço pequeno, como é o caso da Família Silva. São 6 pessoas, dois adultos e 4 crianças que moram em uma pequena casa sem reboco na área rural de São Gonçalo do Amarante, o que já apresenta uma melhora, pois, segundo contaram, anteriormente moravam em uma casa de taipa ainda menor que a atual. Em Natal, as pessoas invisíveis moram em comunidades carentes, e estão constantemente em situações de conflito, que começam em casa e quase sempre continuam na rua.

Raras são as famílias estruturadas, que proporcionam um ambiente favorável ao crescimento e desenvolvimento de suas crianças, tanto no aspecto material quanto psicológico. Muitas crianças se vêem, várias vezes, obrigadas a participar do orçamento doméstico, seja para escaparem da fome, ou da violência, caso volte para casa de mãos vazias. Isso, quando voltam. A exemplo das crianças que serviram de inspiração para o desenvolvimento deste trabalho, os irmãos Lucas e Gabriela, parte integrante da Família Silva, inúmeras vezes aconteceu de eles não terem conseguido dinheiro suficiente para voltar para casa, tendo que permanecer na rua, expostos a todo e qualquer tipo de perigo. Para as crianças de rua, o espaço público urbano, longe de ser um local para se transitar ou um espaço de brincar, acaba se tornando a fonte de sobrevivência.

O que se observou com a pesquisa é que a sociedade continua achando que o problema das pessoas invisíveis é apenas delas. Merecem sua atenção apenas quando, por exemplo, aparece no jornal o caso de uma mulher espancada até a morte pelo marido, o caso de uma adolescente que engravidou do padrasto ou de um bebê encontrado próximo a



um depósito de lixo. Quando, num segundo em que o farol se fecha, e uma mão pequenina se estende, em busca de um trocado, aquela vida invisível interfere na sua. Então, ou se dá algumas moedas para ver-se logo livre daquela visão incômoda, ou fecha-se o vidro do carro, passa direto, diz “tem não”, e está resolvido. O problema desaparece, como que por mágica. O fato é que não existe vida humana isolada da outra, como também não existe uma solução isolada.

Não podemos pensar que apenas governo, apenas sociedade, apenas família, valores, empresas, instituições, igrejas, ONGs resolverão o problema. São necessárias ações conjuntas, certamente. Mas é preciso, antes de se conceber qualquer ação, que se conheça, de fato, quem são essas crianças. Do que elas precisam, o que elas pensam e o que desejam. Quais são seus sonhos e expectativas, o que temem? Como querem ser ajudadas? E, ainda, antes de qualquer ação conjunta é preciso que se tenha um diálogo conjunto envolvendo uma pluralidade de vozes: os órgãos públicos, a Vara da Infância e da Adolescência, os líderes comunitários, e claro, as próprias crianças e suas famílias, estruturadas ou não. Assim, destacamos que com este trabalho temos o intuito de tornar os invisíveis em visíveis, já que eles são integrantes da sociedade, retalhos de uma mesma colcha.

## **2 CONSIDERAÇÕES**

Após realizarmos uma abordagem histórica e funcional sobre o jornalismo, de percebermos suas possíveis relações com a literatura, e de entendermos o livro-reportagem como instrumento da comunicação é capaz de unir investigação jornalística com a escrita literária, adentramos no universo da invisibilidade social. Traçamos um panorama histórico, conceitual, que, certamente, trouxe uma grande contribuição para o desenvolvimento do livro-reportagem.

Contribuição maior foi termos percebido que algo extremamente importante estava ficando invisível aos nossos olhos: o fato de que o livro não será um fim em si mesmo, nem resolverá o problema da invisibilidade social. Será um começo. Um primeiro passo, porque parte de onde tudo deve começar: o despertar da consciência, a percepção do outro, da vida, das pequenas coisas que nos cercam, das pequenas pessoas, dos fenômenos da natureza que nos são fornecidos gratuitamente e nem sequer percebemos.

Fechar os olhos para tudo isso significa tornar a própria vida invisível, perdida, como que separada do todo. Não existem decisões, por menores que sejam, que resultem em conseqüências isoladas. Os indivíduos são como a ciência que aprendemos nos bancos



escolares, que foram divididas em química, física, matemática, língua portuguesa, história, geografia, artes, educação física, e tantos outros desdobramentos, mas, no fundo, é uma coisa só. Uma coisa que foi dividida para ser melhor entendida, para que se construísse um conhecimento global, holístico. O mesmo acontece com o ser humano. Ele precisa se entender como indivíduo para poder olhar além de si e descobrir o outro. Descobrir o mundo que o cerca e a vida e, depois, perceber que está integrado, e não isolado de tudo isso.

Tendo esta concepção carimbada na alma, será possível o ser humano entender que não existe uma vida isolada da outra. E que há vida, não menos importante que a própria vida, em todo lugar: no campo, na cidade, nas ruas, nas praças, nas vilas, nos escritórios, nos consultórios, nas favelas e nas filas de espera. Há vida no “Dr. Fulano”, na “Sra. Beutrana”, nos garis, e nos malabaristas dos sinais vermelho. Nos promotores e juízes e nas crianças invisíveis. Nos pequenos inocentes, nos jovens e velhos, nos mocinhos e bandidos, nos heróis ou inseqüentes.

Sair da condição de invisibilidade social é um processo que deve ser trabalhado em dois aspectos: pessoal e social. Primeiro, um trabalho interior de auto-valorização, conscientização, desenvolvimento de uma relação afetiva intrapessoal. Somente após este trabalho, de elaboração psíquica, que se pode pensar a nível social, o que é de interesse maior deste trabalho, pois é onde se insere a comunicação, e a forma como o jornalismo, sobretudo a vertente literária, pode exercer sua função social.

O primeiro passo é a consciência. O segundo é a ação. Não a ação solitária feita por caridade ou compaixão. Se não há vida isolada, também não há solução isolada. A cura da humilhação social exige a participação do indivíduo no governo, no trabalho e na sociedade. Exige, antes de tudo, que o cidadão se dispa do preconceito e consiga enxergar e respeitar a vida alheia.

As pessoas invisíveis, inclusive as crianças, precisam assumir um papel ativo na sociedade, participando na solução do próprio problema, para assim, sair da invisibilidade, superando seus traumas e digerindo melhor suas condições de vida. Aceitar que é preciso mudar é dar o primeiro passo rumo à solução.

O diálogo, entre os mais diversos setores da sociedade, é o terceiro passo. O indivíduo precisa ser ouvido, encontrar um espaço no qual possa se expressar. É onde entra o papel da Comunicação Social, que, segundo Gonçalves Filho *apud* Costa (2004, p 27), “é o pensamento que conversa com o pensamento dos outros: exige falar do meu lugar, mas também imaginando-me no lugar dos outros”.



Em outras palavras, é função social da comunicação dar voz aos que precisam ser ouvidos. Passar-lhes a palavra. Conhecê-los, não superficialmente, mas essencialmente, em todo o seu complexo universo simbólico. Só assim serão varridos os ciscos de preconceitos dos olhos do observador e do público a quem este se reportará. Nas palavras, na forma de narrar, não mais o distanciamento frio, mas o diálogo próximo, íntimo, como a conversar realmente com os pensamentos do receptor. Na narrativa, como bom agente social, cabe ao jornalista-escritor promover o encontro e o diálogo entre os elementos que tangem a problemática.

Nós, os autores, como comunicadores sociais na incubadora acadêmica, teremos, assim, cumprido nossa missão, se, pelo menos os personagens reais do nosso livro, especificamente a Família Silva, saírem da couraça protetora da vítima e tornarem-se agentes dinamizadores e transformadores da sua realidade. Protagonistas no palco de suas próprias vidas, e não meros espectadores que por trás da cortina, vê o mundo acontecer. Este é o nosso desejo.

Que seja este o primeiro passo: o livro-reportagem que terá a função do despertar de consciências. Nas páginas que se seguirão, estarão impressas não apenas palavras e histórias de vida, mas também a história de um desejo transformado em livro, que pode virar peça de teatro, peça radiofônica, ganhar as telas do cinema, sair do microcosmo universitário para transformar mentes e corações.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida (org.) **Gestão de processos comunicacionais**. São Paulo: Atlas, 2000, p.20.

BORDENAVE, Juan Enrique. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos)

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. // SILVA, Gustavo de Castro e GALENO, Alex (org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo, Escrituras, 2002, p. 58 e 61. (Coleção Ensaios Transversais)

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O mistério das bolas de gude: histórias de humanos quase invisíveis**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.

ELISSON, Ralph. **O homem invisível**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995. 159p.



GIOVANINNI, Giovanni. **Evolução na Comunicação**. Rio de Janeiro: Nova. Fronteira, 1987.

GONÇALVES FILHO, José Moura. A invisibilidade pública. // COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Editora Globo, 2004.

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004. (coleção comunicação).

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 1993.

LEITE, Laurence Bittencourt. **Aula expositiva**. Curso de Jornalismo – Universidade Potiguar. Natal, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Ed. rev. e atual. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa**. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.

MAGALHÃES, Carlos Eduardo Pestana Magalhães. **Falência da imprensa brasileira?** Disponível em: <[www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br](http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br)>, acesso em: 11 abril 2007.

MEDEL, Manuel Angel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. // SILVA, Gustavo de Castro e GALENO, Alex (org). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo, Escrituras, 2002, p 23-24. (Coleção Ensaio Transversais)

MORAIS, Gabriela Weber. **Livro-reportagem**: amalhando experiências para contar uma história. 2004. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.

OLIVEIRA, Adriana Carla Silva de ... [et al]. **Manual de normatização bibliográfica para elaboração de monografia**. Natal: Universidade Potiguar, 2006.

\_\_\_\_\_. **Manual de normatização bibliográfica para elaboração de citações, notas de rodapé e referências**. Natal: Universidade Potiguar, 2006.

PASTORELLI, Ivanéa Maria. **Manual de Imprensa e de Mídia do Estatuto da Criança e do Adolescente**. São Paulo: Orange Stars, 2001.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade Social ao jornalismo de mercado**: o jornalismo como profissão. Disponível em: <[www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)>, acesso em: 21 ago 2006.

PIZA, Daniel. Jornalismo e Literatura: dois gêneros separados pela mesma língua. // SILVA, Gustavo de Castro e GALENO, Alex (org). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002, p 137. (Coleção Ensaio Transversais)



RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 2.ed.rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2001, p. 426 e 562.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1975.

SILVA, Francisco de Assis. **História do Brasil**. São Paulo, Moderna, 1996.

SILVA, Gustavo de Castro e GALENO, Alex (org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo, Escrituras, 2002. (Coleção Ensaio Transversais)

SOARES, José Jr. **Nas trincheiras da cultura: 100 entrevistas e reportagens com personalidades da cultura brasileira durante a virada do século 21 (2000-2006)**. Natal: Ed. do autor, 2006.

SOUZA, Sérgio de. Jornalismo Independente. *Iz: Comunicação e Educação*. São Paulo: Moderna/ USP. Ano V, n.13, set/dez 1998, p. 104.

TANAKA, Oswaldo Y.; MELO, Cristina. **Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente** - um modo de fazer. São Paulo: Edusp, 2001.